

Realidade derruba utopia da cidade modelo

Elmano Augusto

Brasília saiu da prancheta de Lúcio Costa para ser uma cidade modelo, a mais explícita expressão do urbanismo urbano. Entre o sonho e a realidade, entretanto, muita coisa foi para o espaço. Ainda vista como "diferente" das demais cidades do Brasil e do resto do mundo, a Capital Federal absorve aos poucos manias e cacoetes dos grandes e caóticos centros urbanos.

Brasília foi projetada para abrigar 500 mil habitantes no ano 2000. As cidades-satélites, que nem chegaram a ser programadas, somente deveriam surgir depois da ocupação total do Plano Piloto. Nem precisa dizer que isso não aconteceu. Em torno de Brasília, espalham-se hoje, menos de dez anos antes do fim do século, dez cidades-satélites, reunindo, com o Plano Piloto, 1 milhão 700 mil habitantes.

Certamente, reside aí a grande distorção entre a concepção do criador e a realidade da criatura, 31 anos depois. Pelo menos é essa a convicção do professor de Urbanismo da UnB, José Carlos Coutinho, um expert nos problemas de Brasília, cidade que escolheu para morar há 23 anos.

O inchaço periférico, resultado não só da migração crescente, mas fundamentalmente da falta de uma política decente de expansão urbana, demonstra, no entendimento do professor, que Brasília nunca soube assimilar o crescimento populacional, procurando sempre — como faz ainda hoje — alijar as populações mais pobres. O resultado disso é o surgimento atomizado das cidades-satélites, tão distantes do Plano Piloto como uma das outras.

Cidades-satélites — Mas, o que teria a ver as satélites com o Plano Piloto? Tudo, pois foi a partir exatamente do aparecimento das satélites, totalmente desassistidas, que os investimentos sociais começaram a mudar de rumo: desviaram-se do Plano Piloto, que ainda tomava corpo,

para concentrarem-se nas recentes (e carentes) áreas periféricas.

Essa é a principal razão para que algumas ideias de Lúcio Costa, como as Unidades de Vizinhança, não tenham sido levadas a cabo. As Unidades de Vizinhança, como idealizava o mestre, seriam montadas a cada quatro superquadras em todo o Plano Piloto. Funcionariam como verdadeiras minicidades, dotadas de estrutura de lazer e serviços, com cinema, escolas, clube, templo religioso, posto de saúde.

O objetivo de Lúcio Costa era oferecer uma alta qualidade de vida aos moradores da área e, ao mesmo tempo, promover um "intenso convívio social". Para a decepção do urbanista, no entanto, apenas uma Unidade de Vizinhança — a que fica entre as quadras 307, 308, 107, 108 Sul — foi totalmente concluída.

Educação — Quem mais perdeu com isso, destaca o professor, foi o sistema de educação de Brasília. Cada Unidade de Vizinhança previa o funcionamento de uma escola-parque — que receberia o aluno de manhã e só o liberaria à tarde, num projeto semelhante aos atuais Cieps.

Com uma vantagem: as escolas-parques seriam bem mais equipadas que os Cieps, com piscina, salão de jogos, quadras de esporte, salas de leitura, local para exibição de filmes. Hoje, existem apenas três escolas desse tipo.

Embora considere o crescimento periférico a principal agressão à concepção original de Brasília, responsável por problemas sociais diversos, como encarcamento do transporte público, lotação das unidades de saúde, decadência do ensino público, o professor não deixa de citar outros desvios, bem menos graves, do plano de Lúcio Costa.

O centro da cidade, por exemplo, foi planejado para ser a "rótula" o ponto de interseção das duas asas, um local de grande calor humano, e nunca conseguiu transformar-se nisso. O professor não vê qualquer conexão entre os setores comerciais e bancários, tanto Sul como Norte, e a Rodoviária. Há, na sua visão, uma "fragmentação inconcebível" do centro, que precisa urgentemente ser quebrada. "O Conjunto Nacional recebe mais gente que o complexo central da cidade", lembra José Carlos.

CARLOS MOURA



A chegada constante de migrantes agrava os problemas de desemprego, moradia e saneamento básico